

Suplemento Cultural

Discurso como Orador da Turma de novos Advogados inscritos na OAB-MS

RUBENIO MARCELO

secretário-geral da ASL, poeta e advogado

Inicialmente gostaria de agradecer, pela confiança que me foi conferida para desempenhar a missão tão honrosa de – nesta ocasião, como Orador – proferir palavras que possam traduzir a emoção desta cerimônia e servir também de reflexão neste momento significativo das nossas vidas. Assim, com natural humildade, rogo ao Grande Arquiteto do Universo para que me ilumine, pois tenho consciência da responsabilidade que significa representar, nesta distinta oportunidade, esta turma (de novos Advogados inscritos na OAB-MS) com ecléticas características: enquanto eu, mesmo já formado há um bom tempo, chego aqui já na conta de cinco décadas de vida (isto por motivo de incompatibilidade em cargo profissional que exercia até poucos meses), temos como contemporâneos jovens colegas na flor da idade e com quase a vida toda pela frente para desempenhar esta carreira tão sublime: a Advocacia, profissão aclamada na Constituição Brasileira como indispensável à administração da Justiça.

Para nós, uma essencial jornada é esta que aqui celebramos, pois timbra a concretização de um fecundo sonho-verdade que começamos a semear, em respectivos tempos e espaços, ainda nas primeiras aulas da Faculdade, e que se estendeu por todo o Curso de Direito, ganhando realce na colação de grau, e na aprovação no criterioso Exame da OAB.

Aliás, por tocar neste ponto (o Exame de



FOTO: RAQUEL BALAN

Na Oratória – Auditório da OAB/MS lotado

Ordem) permitam-me inserir um conciso parêntese, para, nesta ocasião, aplaudir a OAB Nacional e suas Seccionais que estão empenhadas seriamente na manutenção deste necessário requisito para o exercício do mister advocatício no nosso país. Como sabemos, tramitam atualmente projetos de lei que propõem a extinção do Exame – o que é preocupante, pois é certo que este seletivo teste é preciso, vez que é instrumento legal, declarado constitucional pelo STF. Portanto, que o Exame da OAB continue firme e fortalecido. E que, paralelamente a isto, tenhamos – isto sim, também é preciso – o aperfeiçoamento da cultura e das instituições jurídicas no nosso país.

Mas eu dizia que, neste momento – quando felizes recebemos a nossa lúdima habilitação para o exercício profissional (a credencial de Advogado) –, celebramos a

concretização de um sonho fecundo. E é natural que estejamos com o espírito em estado de enlevo, pois, como disse o poeta Jorge Luiz Borges: “quem realiza um sonho, constrói uma parcela de sua própria eternidade”.

Sim... serão eternos no nosso existir os pilares deste sonho transformado em realidade – e os seus desígnios acompanharão nossos passos pelo amanhã... Um amanhã-agora que já nos contempla e nos impele a seguir caminhando... Destarte, devemos sempre buscar o aprofundamento contínuo dos nossos conhecimentos, para, assim, estarmos compatibilizados com o dinamismo do complexo cotidiano, os cenários naturais da competitividade, as metamorfoses do mundo, as mudanças da vida nacional e da sociedade a que pertencemos.

É parte integrante da história do ser hu-

mano o desencontro espontâneo de pensamentos, as colisões de interesses, enfim, litígios e, somando-se a isto, ameaças à ordem e à paz. E é aí que o Direito se faz preciso: é aí que o semblante do Direito mostra a sua força natural, fazendo brilhar o sol radiante do progresso, afastando a famigerada “lei dos mais fortes”, e proporcionando a solução racional dos conflitos, ajudando na construção de uma sociedade justa e igualitária.

Que possamos fazer a nossa parte com eficácia, sabendo diagnosticar com serenidade as causas que nos sejam confiadas, observando os deveres e prerrogativas da nossa profissão e estribados na ordem jurídica do Estado Democrático. E que, como operadores do Direito, saibamos sempre atuar, com dignidade, firmeza, independência e equilíbrio, ancorados na boa-fé, desprovidos de arrogância e postura impositiva, combatendo o bom combate, em defesa da verdade. Igualmente, e de acordo com peculiares situações, sensibilizados devemos estar, outrossim, com os institutos da mediação e conciliação, visando à promoção do racional entendimento, à luz da perspectiva jurídica pós-positivista.

Que, mesmo palmilhando caminhos diferentes, tenhamos sempre a nossa cerviz direcionada para o mesmo norte: a direção da justiça social, da equidade, da ética, da moral, da razão e da verdade.

Finalizando, permitam-me, reportar-me a uma citação de Frank Wright: “O presente é a sombra que se move separando o ontem do amanhã. Nela repousa a esperança”. Sim... O nosso tempo presente é este. Como

“

Nosso amanhã começa já... Neste hoje, quando passamos a integrar a OAB/MS, nossa nova casa; este hoje que nos convoca a seguir – como Advogados – tecendo lúcidos sonhos e esperanças”

expressei no início: o nosso amanhã começa já. Começa neste hoje, quando passamos a integrar a OAB/MS, nossa nova casa; este hoje-agora que nos convoca a seguir – como Advogados – tecendo trilhas plenas de batalhas e caminhos sempre novos de lúcidos sonhos e esperanças...

Que assim seja!
Muito obrigado!

<Discurso (resumo) proferido por Rubenio Marcelo, em 30/06/2015, como Orador da Turma de novos Advogados inscritos na OAB-MS>

O Escritor Ulisses Serra

ELPIDIO REIS

ex-presidente da ASL

Lendo “Camalotes e Guavirais”, de Ulisses Serra, mais uma vez me convenci de que Buffon tinha razão: “O estilo é o homem”. Também lembrei-me do que dissera Wertheimer: “O estilo é o homem?... Então há poucos homens bons”.

É que a linguagem desse livro de memórias desliza elegante, clara, sóbria, serena e, sobretudo, humana. Descreve cenários, retrata criaturas, relembra, grava enfim. Como foi em vida esse ilustre mato-grossense*.

Um pouco de Corumbá e muito de Campo Grande. Vejamos: “Era uma dessas madrugadas mornas e enluaradas de Corumbá. Dos pantanais e das matas

vinha um aroma sutil, suave, indefinível. Uma mistura de fragrâncias de raízes, folhas, frutos e flor de camalotes e vitórias-régias, de águas-pombeiras e tarumeiros, de tunas de flamboyants. O luar escorria suave e álgido no rio e nos campos fronteiros e em tudo havia um espesso silêncio, como se em tudo perpassasse suavidade de coisas misteriosas e imateriais”.

E mais adiante, depois de nos lembrar que “as cidades não se foram e não se caracterizam apenas pelos seus prédios, vitrinas, anúncios luminosos, veículos que se entrecruzaram, monumentos, canteiros e chafarizes”, mas “igualmente dos seus tipos populares, paisagem humana a constituir a alma móvel e errante das ruas”; ele, Ulisses, com todo o respeito que qualquer criatura humana lhe inspira-

va, nos retrata Maria Bolacha, de Campo Grande: “A primeira, anciã, morena cor de mate, baixa e gorda, olhos verdes, andar de papagaio e de pano à cabeça personificava o inconformismo, a reação e a luta. Quando a malta de garotos gritava-lhe o apelido, que ela julgava enxovalhante, vinha-lhe à boca o palavrão, vibrava violentamente o chicote que sempre tinha às mãos e perseguia os seus agressores morais. Todos os dias e o dia todo, de ponta a ponta das ruas, era a zombaria dos gravoches caboclos e a reação permanente e feroz de Maria Bolacha”.

Sempre que disponho de um minuto ao menos, pego o livro, abro-o em qualquer página e como que ouço frases belas em estilo e ricas em filosofia: “Coitado do Renovato, somente se habituara ao trato das suas alimárias e dos caboclos simples e leais, sem conhecer nunca o trato sinuoso e resvalante dos homens”.

O estilo desse saudoso mato-grossense se assemelha por vezes com a imponência das águas do rio Paraguai, em cuja beira, em Corumbá, ele viveu sua meninice de alma predestinada. Como as águas daquele majestoso rio, “largo, sereno, enfeitado de pássaros e de flores”, de quando em quando cresce e caminha transbordante de beleza e emoções. Outras vezes apresenta-se como as campinas verdejantes de Campo Grande, iluminadas por luzes multicores, de horizontes longínquos confundidos com o infinito.

Não convivi com Ulisses Serra, mas o conheci de vista, de 36 a 39, quando eu adolescente, estudava no Dom Bosco e ele por lá aparecia, sobretudo nos dias de festas, com seu porte respeitável sob todos os títulos. Agora, depois que ele partiu, tenho a honra de conhecê-lo mais de perto, com a nítida impressão de que mantenho com ele, sempre que posso,

um dedinho de prosa. Ouço-o a perguntar-me: – Você se lembra da Rua 14 na década de 30? Respondo que sim e aí ele me diz: – “Hoje a Rua 14 é outra. Tem mais do que sonhávamos ela tivesse um dia. Cruzam-se nela todos os caminhos de Mato Grosso e traçam-se os destinos políticos do Estado. Empolgante com suas luzes de gás neon e seus postes artísticos, no vai-e-vem contínuo das multidões que se acotovela no tumulto do seu trânsito e na audácia dos seus arranha-céus. Amo-a como a nenhuma outra”.

– Brindemos a Mato Grosso do Sul. E ele, como que me dando lição com sabedoria dos céus: – a Mato Grosso! A Mato Grosso! Já que o povo dos dois Estados continuará um só... irmanado pelos laços de imorredoura amizade.

* Refere-se ao “Mato Grosso uno” (nota da coordenação).

Os Donos do nome

MARIA ADÉLIA MENEGAZZO

Minhas duas avós eram italianas e com elas aprendi que diante do inacreditável, do imponderável e do impossível a primeira tentativa de compreensão deve ser feita através do sagrado, o que pode garantir pelo menos imunidade. E dá-lhe, então, Madonna Mía daqui, Maria Vergine dali, Dio Cristo, Madonna de Cristo e todas as exclamações acompanhadas do sinal da cruz. Claro que as imprecações também são bem-vindas, porque ninguém é de ferro, e daí vale uma figa nas costas que é para o anjo não ver. E

dessa maneira continuo reagindo até hoje aquilo que não compreendo de imediato.

Li, por exemplos, num jornal, que o comitê de campanha de uma candidata à presidência da república precisou encontrar outro nome para registrá-la em uma das redes sociais porque um garoto já havia se apropriado do nome dela para si. Fiz o sinal da cruz, soltei uma imprecação e figa nas costas. Então nem o nome da gente está livre de ser propriedade de alguém? E daí ele vira marca e não se pode mais usá-lo. Comentando o fato com umas amigas jornalistas, elas me contaram que a FIFA

fez algo semelhante durante o campeonato-mundial-de-futebol-realizado-aqui-no-Brasil-entre-junho-e-julho-de-2014. Identificou? Quem usasse aquela expressão, que eu não vou nem ser besta de escrever aqui, teria que pagar imposto sobre. Persigme-me! Dio buono! No (agora ex) país do futebol a gente não poder falar de? Justo no momento de sediar a? Também fiquei sabendo que no Paraguai não há lojas da rede Mc Donald’s porque um cidadão registrou a marca em seu nome naquele país. Pelo menos lá as redes sociais não devem ficar abarrotadas de vídeos anti-hamburgerianos. Ninguém escapa! E lá vou eu fazer o sinal da cruz! Também soube que foi registrado como propriedade, aqui

em Mato Grosso do Sul, há muitos anos, um formato de tela para pintura – não vou nem dizer qual é para os artistas não ficarem apavorados! Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

Faz pelo menos uns quinze dias que acordo, faço o sinal da cruz e... Madonna Mía! Maria Vergine! Santo Dio! Tento assim compreender porque o conselho estadual de cultura nem sequer avaliou uma proposta de projeto para o fundo de investimentos culturais que tinha o nome de Festa Literária de nosso estado – de novo não vou ser besta de escrever aqui o nome inteiro porque certamente vou ter que pagar royalties para o proprietário! Daí fiquei pensando: será que as pessoas regis-

tram um nome no Instituto das Marcas e Patentes só para preservar um projeto ou uma ideia? No caso de um produto industrial, algo muito exclusivo, inédito, quem sabe? Mas um nome, assim, tão compartilhado? Festas literárias estão ocorrendo há mais de dez anos pelo Brasil afora e nunca ouvi falar de uma aqui em Mato Grosso do Sul. Se alguém registrou o nome como seu é porque pretende fazer? Por que não fez até agora? Falta de projeto? Ou quem sabe, está se guardando para quando o carnaval chegar? (será que o Chico Buarque se importa?) Plágio? Difícil, hein! Quem será que perdeu? O dono do nome ou os sul-mato-grossenses? Queridas avós, repitam comigo: Pelo sinal da santa cruz...!

POESIAS

SE EU PUDESSE

Se eu pudesse
Reunir as vozes mais lindas
De todos os pássaros
E compor uma sinfonia
Diferente...
Que traduzisse alegria,
Esperança, amor!...

Se eu pudesse
Fazer uma joia linda,
Engastando em ouro
Ou platina
O azul da turquesa...
A esmeralda... o rubi...

Entre o irrisante luzir
Do mais puro diamante...
Uma joia de beleza
E arte estonteante!...

Se eu pudesse chegar
Ao Deus-Menino
Com a minha joia...
Acompanhada
Da música suave...
Da minha sinfonia
Entoando uma canção...
Talvez Ele sorrisse
E me estendesse
A sua pequenina mão...

OLIVA ENCISO

SONETO

Não maldigo esta dor que me tortura
E os desencantos que ela me causou,
Não sou mais que simples criatura
Que a viagem do tempo desgastou!

Os esgares da fria sepultura
Que a milhões de existências devastou...
Só me trazem retalhos de ternura
Do meu tempo feliz que já passou!

Passei a vida como um passarinho!...
Livre de peias, voejando espaços,
Deixando amores pelo meu caminho!

Sozinho, errei. Meus erros foram meus!...
– A ninguém culpo pelos meus fracassos,
– Perdão somente pedirei a Deus!

RUBENS DE CASTRO

A LIÇÃO

O nosso amor foi lindo e apaixonado,
Que sendo amor, tornou-se proibido.
Que valem leis, se tudo está errado
E só o amor merece ser vivído?

Contudo, o mal (o meu e o teu pecado)

Aos moralistas foi prestar ouvido.
Eu tive de partir tão desgraçado,
Tão desgraçada, foste para o olvido.

E os puritanos, ledos, se ufanaram,
Sorriram satisfeitos – desabaram
O mais feliz castelo de ilusões...

Porém, lhes sirva esta lição exata:
Matam-se corpos – mas não se arrebatam
O amor que incandesceu dois corações!

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR